

SISTEMA, SAÚDE E FABRICAÇÃO DE CORPOS

Luz Costa

Às vezes, me parece que meu corpo está mais para um ser mecânico fabricado em cápsulas pós-modernas. Sinto como se toda minha anatomia já estivesse descrita como mais uma função capitalizada: meus braços precisam ser rápidos o suficiente para operar os maquinários, minhas pernas necessitam ser imóveis o suficiente para sustentar longas 9 horas de trabalho em pé e, principalmente, meus cromossomos precisam estar de acordo com o requerimento, assinando um x numa só caixinha: masculino ou feminino. Cada parte minha é construída e reconstruída de acordo com as necessidades pós-modernas de um capitalismo em decadência.

Os grandes cientistas e indústrias estudam corpos como o meu, como um ato falho de o consertar em pequenas doses que me faça aceitar parecer mais com eles – do que, de fato, comigo. O meu desalinhamento em relação à rigidez homem-mulher causa um grande transtorno entre as indústrias: se eles não conseguem me fabricar com a corporalidade cisnormativa, precisam me modificar o suficiente para que me pareça, minimamente, com o requerido. Assim, os papéis de gênero se reproduzam e autorregulem da devida forma. Não importa o quanto isso custe. Não importa se meu sangue derramar em verde, azul ou preto. A seringa que adentra minha pele é também um projeto dessa fabricação. Pouco é o custo das minhas dores, doenças e riscos possivelmente desenvolvidos por aplicações. Eu preciso me adequar. Preciso me adequar porque não conseguem me exterminar. Preciso me adequar porque preciso produzir.

Entretanto, como o próprio cis(tema) opera se escondendo por trás de grandes indústrias – de grandes hipocrisias e contrariedades –, que se mantém através da exploração desenfreada de minorias –, não me surpreende que outro artefato coesivo seja dificultar o acesso à harmonização com aumentos



do custo dos insumos à população trans. É como se dissesse: vocês têm que se adequar, mas não queremos mais proliferação de vocês aqui. É como se sussurrasse: demos o que vocês queriam – dificultando informações, pouco se importando com como aquela parcela de pessoas vivenciam aquilo – agora, fiquem quietos. Como uma punição severa por termos desviado, minimamente, a ordem social. Enquanto isso, apenas uma minúscula parcela da população consegue chegar a uma parte restrita de ascensão socioeconômica minimamente condizente para continuar hormonioterapia, com médicos especializados e rotinas reguladas, contrariamente aos números estratosféricos do restante, que encontra-se em situação de vulnerabilidade social e têm dificuldade em realizar tratamento ou cirurgias de afirmação. É notável como o sistema utiliza mecanismos de exclusão social e recria uma nova camada afim de manter suas estruturas de rivalidade e apagamento. Ao inibir as formas de acesso, também força, inevitavelmente, que o restante da população ceda às violências.

Isso não é uma crítica à hormonização, de forma alguma. Isso é uma crítica às formas passivo-agressivas que as indústrias chegam até nós, seja pelo aumento no preço da testosterona, até às formas como a psicologia (muito manicomial) trabalha, alegando, constantemente, que estamos loucos, como forma de corrigir nosso “comportamento”. Essa fabricação de corpos que se alinhem com as crenças binaristas capitalistas não são de agora: há alguns – muitos – anos, vemos grandes mercados crescerem às nossas custas, às custas de nossas dores e incômodos. Eles nos estudam, mas não relevam como essas fabricações atuam no nosso corpo, não nos dão informações de outras formas de chegar no desejável e nem a construir um in(disfórico). Ainda que o próprio incômodo quanto a nossa apresentação social, física e psíquica nasça junto às violências que a sociedade impõe àqueles que divergem dela, eles nunca vão tomar a culpa, nem mesmo, parcialmente – a culpa e a vergonha estão fadadas a ser nossas. Assim, não nos dão escolha: seja o oposto, escolha ser oposto do que se impõem ser natural (mas quando chegar no desejável – quando descobriremos, você sempre vai ser lido como a farsa. A farsa qual fingimos que não existe, porque não nos importamos com ela).

Eu não quero ser outro corpo mecânico padronizado e capitalizado, tampouco sou contra aplicação de hormônios. Desejo aplicá-los com a



autonomia de não depender desses maquinários midiáticos, corrosivos, que perpetuam das mesmas violências eugênicas. Quero fabricar meu corpo, como quem fabrica um ciborgue. Quero me remontar inteiro, como um lego. E tacar fogo nesses industriais fodidos, que queimam minhas veias, com algo recém produzido num laboratório (esse mesmo laboratório que derrete os olhos dos ratos recém-nascidos e aplica ácido nos macacos, enquanto os observa desfilar de dor até a morte) por alguém que as aplica em mim, sem renovação, sem refazer novas cláusulas que des(acompanhe) meu ser, sem afundar meu fígado de gorduras e meu sangue com coagulação.

Nesse mundo pré-definido binarista, eu desejo hackear esse sistema. Quero um corpo-mecânico desenvolvido em cápsulas queer com raios ultra-bixa.

Eu quero fabricar meu corpo sem gênero.

